

ANÁLISE CRÍTICA DA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO BASEADA NA TEORIA DE OTTO FRIEDRICH BOLLNOW

Ana Lúcia Leal¹; Ezequiel Edilson Felix Arantes²

Universidade Federal de Pernambuco

¹ analealchaves@yahoo.com.br ² ezequieleilson@hotmail.com

Resumo: O objetivo central deste trabalho é discutir a relação estabelecida entre um professor e alunos do Curso de Física, de uma escola particular de uma cidade do agreste pernambucano. Nossas observações foram embasadas na Teoria desenvolvida por Otto Friedrich Bollnow (1971). Este autor é considerado um grande pesquisador existencialista que trouxe importantes contribuições à temática da formação humana e da integralidade na Educação. Partimos do pressuposto de que uma relação saudável entre professor e aluno é de extrema importância para a construção do conhecimento. Nosso objetivo geral foi analisar se a prática apresentada por um professor que lecionava em duas turmas do ensino médio de uma escola privada do agreste pernambucano, de algum modo, contemplou alguns pressupostos teóricos mencionados. Como objetivos específicos realizamos uma análise comparativa entre as relações interpessoais vigentes nas duas turmas a partir das observações realizadas. Para tanto, usamos como ferramenta metodológica a observação de aulas dadas por um único professor de duas turmas de Física (1ª série do ensino médio – 50 alunos e 2ª série do ensino médio - com 33 alunos). Diante dos resultados encontrados, percebemos que a maioria das atitudes que o professor estabelecia em sala de aula estava em harmonia com os conceitos de Bollnow, restando uma parcela delas considerada dissonante. A relação do mesmo com os alunos, de modo geral, pareceu favorecer o processo de ensino-aprendizagem e a formação do conhecimento.

Palavras chaves: Educação, Otto Friedrich Bollnow, Formação Humana.

1 - INTRODUÇÃO

Otto Friedrich Bollnow (1903-1991), filósofo e professor alemão, nasceu na região da atual Polônia. Foi estudante de Matemática e de Física na Universidade de Göttingen, lugar onde recebeu inúmeras influências, como do filósofo Herman Nohl. Bollnow recebeu um doutorado em Física, em 1925. Após a Segunda Guerra Mundial (1945), ensinou durante sete anos na Universidade de Johannes Gutenberg, na cidade de Mainz, na Alemanha e, a partir de 1953, passou a lecionar cadeiras de Filosofia e Pedagogia, em Tübingen. Membro da Liga Militante da Cultura Alemã recebeu diversos prêmios em sua vida, como o *Prêmio Lessing*, em 1980.

Bollnow foi um grande escritor e em sua vida acadêmica escreveu 38 obras e cerca de 400 artigos científicos sobre Educação e Filosofia. Algumas de suas principais obras são: “A filosofia de F. H. Jacobis” (1933); “Dilthey: Uma introdução a sua filosofia (1936)”;

segurança: O problema da superação do existencialismo” (1955); “A objetividade das ciências humanas e da essência da verdade” (1956), dentre outras.

Segundo Silva (2011), as ideias de Bollnow, no ramo pedagógico, estão baseadas nos discursos e debates sobre Teoria Educacional e Filosofia. A investigação do mesmo se baseia, dentre outras coisas, em analisar as interações entre os fenômenos estáveis e instáveis da vida e dos processos educativos, a partir dos pressupostos da Filosofia da Existência e da Filosofia da Esperança.

De acordo com Celetti (2018), o pensamento existencialista defende que a existência é anterior à essência e que o homem constrói a sua essência a partir da sua existência. Esta se dá a partir das escolhas feitas, visto que o ser humano é um ser em liberdade e que por isto vive em angústia existencial. Ou seja, ter de escolher a todo instante é angustiante, pois cada escolha irá refletir diretamente no que se é. A angústia, portanto, é o reflexo da liberdade humana, dessa ampla possibilidade de escolher e ser responsável por cada escolha.

Para Kierkegaard (1813-1855) o Existencialismo, ou a Filosofia da Existência, representa uma corrente filosófica cujas doutrinas focam basicamente a condição de existência do ser humano, corrente essa que foi iniciada por ele no século XIX. O pensamento de Kierkegaard sobre a Filosofia da Esperança se baseia em que o desenvolvimento da esperança autêntica deve se tornar algo essencial como ponto de partida para todo projeto de vida. Segundo Júnior (2017) a esperança, para Kierkegaard, é o fundamento da existência, pois partindo da crença na possibilidade do bem, surge um terreno fértil para a descoberta de si e para a afirmação da vida.

Bollnow (1971) aponta as limitações das chamadas concepções *mecânico-artesanal* e *orgânica* da educação. A *mecânico-artesanal* é nomeada desta forma por causa do caráter técnico que envolve a educação. Nela o professor segue, como um artesão, a partir de um material previamente dado, a construção de determinado modelo. Fazendo uma simples analogia, na concepção *mecânico-artesanal* o aluno é como se fosse o barro, o qual o artesão irá utilizar como matéria prima para moldar de acordo com o pretendido.

Como artesão, o professor também atua como o que produz o Educar. Por ser reconhecido como o principal agente do processo formativo, elabora o plano de ensino, seleciona o material, detém as habilidades e projeta a imagem do homem que deseja formar, como se fosse um escultor que esculpe na madeira, no mármore ou no barro, sua particular visão da vida e da própria realidade (SILVA, 2011, p.84).

Ou seja, na concepção *mecânico – artesanal* o professor (escultor) projeta a imagem do ser que quer formar e molda o aluno de acordo com a sua vontade.

A concepção habitual e comum de educação [...] parte da analogia existente entre a educação e a produção artesanal. O artífice produz o seu objeto, segundo um plano preconcebido, de um material já dado, utilizando-se de um instrumento apropriado. Assim também o educador. Produz uma determinada formação da pessoa a ele confiada, seguindo o ideal que se lhe afigura como a meta da sua educação (BOLLNOW, 1971, p. 24).

Enquanto a concepção *mecânico-artesanal* parte do princípio de que a ação educativa deve acontecer de fora para dentro, a *concepção orgânica* compreende que esta ação acontece de forma oposta, do interior para o exterior. “Para essa concepção, a educação acontece como um crescimento orgânico, onde a matéria é “moldada” pela energia e substância contidas na própria condição humana” (SILVA, 2011, p.86).

Na base teórica da *concepção orgânica* podemos encontrar contribuições de Jean-Jaques Rousseau. Ele nos diz que o cultivo do sentimento, através da relação do educando com a natureza, passa a ser visto como fator fundamental para a vida individual. Na obra “Emílio ou da Educação”, ele descreve seu projeto educacional considerando que o homem precisa ser educado à semelhança de uma planta sobre a qual o jardineiro age, a fim de livrá-la das ameaças. Para Bollnow (1971, p.25) “a educação é uma arte de cultivar e de deixar crescer, arte de não estorvar esse processo natural”.

A obra “Pedagogia e Filosofia da Existência” (BOLLNOW, 1971) foi escrita em meados de 1950, um período de pós-guerra marcado pelo arrefecimento do “entusiasmo pedagógico” que norteou a prática educacional nos anos que intermediaram e sucederam a primeira e a segunda guerra mundial. Tratava-se de um período de decepção geral que tirou dos educadores a imagem otimista do homem, tão própria da década de 1920. Esta transformação da imagem do homem foi seguida por uma ação pedagógica repressora que tinha como objetivo libertá-lo das más energias e desvios sociais. Nessa obra, o autor propõe uma análise dos elementos da Filosofia da Existência e da Filosofia da Esperança, considerando seus eventuais desdobramentos para a prática pedagógica.

Visando examinar os processos instáveis e descontínuos do ser e da ação pedagógica ocorridos dentro do processo educacional, a perspectiva de análise de Bollnow tem como principal objetivo mostrar de que maneira as temáticas discutidas em torno dos processos estáveis e instáveis da vida humana contribuíram para a relação entre Filosofia Existencial e Pedagogia, pretendendo, não apenas superar a dicotomia e a alienação que as separava, como apresentar os novos enfoques propostos pela Filosofia da Esperança.

Os processos instáveis e descontínuos do ser e da ação pedagógica são tratados por como fatores importantes, pois,

[...] fenômenos instáveis e incisivos já existem na esfera biológica. Aqui, a vida não deve ser concebida como um movimento de progressão regular e contínua, rumo a uma determinada direção (BOLLNOW, 1971, p. 37).

Os processos instáveis são como “pedras” no caminho da vida, que fazem com que essa caminhada não seja contínua, e essas pedras tornam também, o processo de ensino e aprendizagem uma caminhada não contínua. Neste sentido,

[...] o desenvolvimento não se processa num fluir regular, mas em arranques e eclosões, com interferências de períodos de repouso, em alternância de fluxo e refluxo, de tempestades e de relativa calma, portanto em forma de degraus de maturação nitidamente salientados (Idem, p. 39).

Deste modo, cabe-nos perguntar: De que maneira a Filosofia da Existência pode dialogar com a pluralidade dos fenômenos humanos e pedagógicos? Segundo o teórico, a Filosofia da Existência traz para o campo da discussão, temas, como: Angústia, medo, tédio, melancolia, desespero e morte, colocando-os como ponto de partida para a efetivação do seu encontro e debate com a educação.

Ao longo da sua obra, Bollnow apresenta alguns conceitos, os quais serão observados em nossa pesquisa de campo. São eles: *Exortação, aconselhamento, crise, ousadia, fracasso e despertar*.

Exortação é sinônimo de estímulo, encorajamento. Ou seja,

[...] se exorto alguém, se o levo a fazer algo, que sem a minha exortação não teria feito, ou se eu o detenho de algo que do contrário teria feito, trata-se sempre de processos nos quais existe, da minha parte, por motivo pedagógico, uma intervenção repentina, de fora, na vida alheia, para lhe imprimir outra orientação (BOLLNOW, 1971, p. 97).

Sobre *aconselhamento* considera que sua função é a de colocar-se a serviço da decisão que será tomada pela outra pessoa.

Também o aconselhamento atravessa a vida humana, desde as esferas mais simples até as mais altas e nelas toma cada vez formas tipicamente diversa. Em relação a essas formas em particular, é ainda incerto até onde elas devem ser designadas como um proceder educativo e até onde não (Idem, p.125).

Outro conceito abordado pelo autor é o conceito de *crise*. Ela faz parte dos processos instáveis que se relacionam com a educação e, por meio deles, o processo de aprendizagem é mediado. Acredita que o processo de ensino se dá de forma descontínua, ou seja, o

desenvolvimento na educação se dá em “arranques”. Ou seja, “depois de um período de relativa inércia, de repente ativa-se um crescimento mais intensivo que, depois de um avanço nitidamente perceptível, volta de novo a certo estado de descanso” (BOLLNOW, 1971, p. 38).

Os próximos conceitos que nos apresenta são o da *audácia* e do *fracasso*. Considera que ambos fazem parte da vida do educador.

A aceitação consciente da responsabilidade na audácia e, ao mesmo tempo, a possibilidade de fracasso ali implícita, assinalam os inevitáveis momentos existenciais na própria vida de cada educador (BOLLNOW, 1971, p. 205).

Considera que a *audácia* na educação se dá de várias formas e uma delas é quando o professor traz algo novo, uma metodologia nova, algo que pode até não ter sido planejado, contudo arrisca aplicá-lo, criando o risco da nova proposta não ser acatada. O *fracasso* seria, então, quando o educador estuda e se prepara para levar algo novo para seus alunos e sua ideia não é acatada. Logo podemos perceber que a *audácia* e o *fracasso* andam juntos no processo educativo, pois quando o professor é audacioso, ele corre risco de fracassar.

O *despertar* seria como acordar de um estado de privação.

Quando se acorda espontaneamente, o caráter abrupto do acontecimento é mitigado por certos degraus intermediários. Mas, quando se acorda artificialmente, o caráter do repentino se destaca com maior nitidez. Enquanto o despertar espontâneo se processa, na maioria dos casos, com leveza e sem dor, o acordar alguém é sempre um processo duro e cruel. Aplicando uma força externa, arrebatamos um homem do seu sono, antes que o processo do sono tenha atingido o seu fim natural (Idem, p.73).

Neste sentido, quando o *despertar* se dá de forma natural, é mais suave. Já quando o forçamos, ele ocorre de forma mais abrupta, mais forte. “Despertar é, portanto, acordar de um estado de inautenticidade para um estado de autenticidade” (BOLLNOW, 1971, p. 72). O autor cita em sua obra o pensamento de Maria Montessori (1926, apud BOLLNOW, 1971, p.87) em relação ao despertar no ramo pedagógico. Para a autora,

[...] a atividade do educador é despertar, isto é, o desencadeamento do movimento que, uma vez em marcha, se desenvolve na própria criança a partir do seu interior. A atuação do educador vai somente até esse toque desencadeador, isto é, ele atua só o necessário para que o movimento entre como tal em ação.

Após percorrermos brevemente sobre os conceitos principais considerados por Bollnow, iremos apresentar nossa pesquisa de campo, analisando seus principais resultados. Ela teve por objetivo geral analisar se a prática apresentada por um professor que lecionava em duas

turmas do ensino médio de uma escola privada do agreste pernambucano, de algum modo contemplou os pressupostos teóricos mencionados anteriormente. Como objetivos específicos, realizamos uma análise comparativa entre as relações interpessoais vigentes nas duas turmas e os resultados obtidos a partir das observações realizadas.

2- METODOLOGIA

Uma escola da rede particular da região do agreste pernambucano se tornou parceira da pesquisa, ao abrir as portas para sua realização. Logo no primeiro contato, expomos sobre a importância do estudo e possíveis contribuições para a comunidade escolar. A partir do momento em que foi obtida a autorização por parte da gestora e coordenadora, observamos algumas aulas de Física de duas turmas do ensino médio, sendo ambas do período matutino (1º ano) e (2º ano), com o mesmo professor.

A estratégia metodológica que adotamos, portanto, foi a observação, visto a importância da mesma para a compreensão de como a teoria é aplicada na prática. A observação tem sido considerada uma das estratégias metodológicas mais antigas e utilizada pelo homem.

Costumamos conferir à observação um grande valor enquanto forma de contatar e conhecer o mundo. Dentre todos os sentidos, a visão é, sem dúvida, aquele que destacamos enquanto revelador de um mundo “real”. Ela nos permite, ao que parece, partilhar uns com os outros um mundo “impessoal”, “objetivo” – um mundo que nosso corpo percebe mesmo à distância, e sobre o qual podemos construir um discurso relativamente preciso, criando conceitos passíveis de algum consenso a partir de evidências públicas (DITTRICH et al., 2009, p.179).

A observação foi fundamental e de extrema importância na constituição dos métodos da ciência moderna. A invenção do telescópio por Galileu é um marco simbólico de sua importância nessa constituição.

A ciência ainda valoriza a observação, pelo menos nas circunstâncias nas quais ela se faz possível. Porém, para parte dos filósofos e cientistas das primeiras décadas do século XX, a observação era não apenas algo desejável, mas sim uma exigência – quase uma obsessão (GIOIA, 2004 apud DITTRICH et al., 2009, p. 180).

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos um total de 22 horas de aulas, sendo 10 horas em uma turma do 1º ano e 12 horas em uma turma do 2º ano, ambas em uma escola da rede particular do agreste pernambucano. Podemos considerar que a infraestrutura da escola era satisfatória, possuindo diversos espaços disponíveis aos alunos e profissionais que lá trabalhavam, tais como: Três quadras de esportes (sendo uma delas coberta), uma sala de vídeo, uma sala de música, um laboratório de ciências e um de informática, uma biblioteca, uma igreja (por se tratar de uma escola cristã), um auditório, uma sala dos professores, entre outros lugares destinados às tarefas administrativas.

A infraestrutura das salas de aula também foi considerada muito boa, possuindo quadro branco, lousa digital e computador para o uso exclusivo do professor. As salas onde foram realizadas as observações eram espaçosas, com boa acústica e arejadas. As carteiras eram novas, do tipo cadeira e mesa.

O professor observado tinha 18 anos de experiência na profissão e era graduado em Física, licenciatura, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Era solteiro e exercia o cargo de professor na escola participante há quatro anos. A opinião dos alunos de ambas as turmas sobre o mesmo era bem diferente, pois alguns o tinham como carismático e outros, como introvertido, chegando a causar para estes, um perceptível receio em estar com o mesmo em sala de aula.

Para efeito de organizar nossa exposição, iremos apresentar os comentários em relação às duas turmas separadamente e as chamaremos, a partir de agora, de turma A e B. Em ambas as turmas iremos discorrer sobre as atitudes do professor e fazer uma relação com os pressupostos Teóricos de Bollnow. Posteriormente faremos uma análise comparativa entre elas.

Turma A

A primeira turma que iremos apresentar será a do 1º ano do ensino médio. Ela estava composta por 50 alunos. A maioria deles nos pareceu extrovertida e participativa. A média de idade era de 15 anos, com predomínio de mulheres.

A primeira observação da turma foi um tanto amistosa, possivelmente pelo fato de conhecermos boa parte dos alunos. O professor mostrou-se pontual, chegando no horário determinado para o início da aula. Logo nos primeiros momentos foi perceptível que o mesmo tinha maior intimidade com alguns alunos, sendo sua chegada em sala de aula bastante

agradável. Em seguida solicitou que os alunos se encaminhassem à sala de vídeo para que assistissem a um filme de ficção científica que seria usado para introduzir o assunto de “gravitação”.

Era perceptível que o professor prezava por um excelente comportamento por parte dos alunos, sempre exigindo silêncio por parte dos mesmos. Presenciamos, inclusive, a retirada de alguns da sala pelo motivo de conversa. Durante uma aula ocorreu um fato curioso, pois o professor sentiu falta de cinco alunos. Intrigado, foi saber o que havia acontecido. Minutos depois o mesmo voltou para sala, indignado, pois os alunos estavam jogando futebol na quadra de esportes da escola. Diante deste fato, o professor começou uma conversa séria com a turma (recorte 1).

Recorte 1

Eu sou amigo de todos aqui, tenho uma boa relação com todos, mas vocês nunca vão me ver faltar com as minhas responsabilidades.

Com esta postura, tentou enfatizar o fato de que os que estavam fora da sala de aula tinham uma boa relação com ele e, por causa dessa “liberdade”, esqueceram o compromisso que era o de estar em sala. Ele, então, aconselhou a turma a não ter a mesma atitude e demoradamente explicou os motivos.

Podemos classificar essa atitude do professor como um “aconselhamento”. Segundo Bollnow (1971), a função do aconselhamento é antes a de se colocar a serviço da decisão que será tomada pela outra pessoa. Era perceptível que o professor aconselhava os alunos, principalmente aqueles que não estavam dando a devida importância à aula, enfatizando a utilidade da mesma e do conteúdo que estava sendo visto como necessário para o futuro dos mesmos. Por consequência desse aconselhamento, podemos perceber que houve certo “despertar”. Como citado anteriormente, o despertar é como acordar de um estado de privação (BOLLNOW, 1971).

No que diz respeito ao material coletado nas observações, podemos considerar que o professor em análise, na ótica de Bollnow foi, em alguns momentos, “ousado”, pois propôs uma atividade para a turma que nós particularmente nunca tínhamos presenciado, que foi um debate sobre financiamento para projetos de pesquisas científicas. Ele propôs que a turma fosse separada em três grupos: dois iriam debater se eram a favor ou contra e o terceiro seria o júri, que iria analisar toda a discussão e votar em qual dos dois grupos houve argumentos mais consistentes.

Segundo Bollnow (1971), se somos ousados, estamos aceitando a possibilidade de um “fracasso” que, no ramo pedagógico, se configuraria quando os alunos não aderissem à proposta educativa. Contudo, o fracasso não apareceu nesse momento, tendo o mesmo obtido êxito em sua ousadia. Infelizmente ele não obteve o mesmo êxito na turma do 2º ano e discorreremos sobre isso mais à frente.

É perceptível que o professor prezou por uma boa relação com todos os seus alunos. Em vários momentos da aula tentou trazê-los de volta à concentração quando pareciam distraídos e utilizou uma frase para fazer com que tomassem a iniciativa para resolver os exercícios (recorte 2).

Recorte 2

Se eu escuto eu esqueço, se eu vejo eu lembro, se eu faço eu aprendo.

Nas observações que fizemos na turma do 1º ano, portanto, podemos considerar que o professor demonstrou atitudes que estavam em harmonia com alguns pressupostos de Otto Friederich Bollnow, mostrando-se também preocupado com a educação dos alunos e aparentando uma postura amigável. Contudo, em determinados momentos, algumas atitudes nos pareceram um tanto desnecessárias e até exageradas, como gritos, batidas na lousa para chamar a atenção dos alunos, colaborando para que tivessem uma visão conturbada do mesmo. Durante as observações escutamos comentários por parte dos alunos em relação ao professor. Muitos o achavam “ignorante” e “grosso”, características que acreditamos serem injustas para com o mesmo.

A seguir, iremos discorrer sobre alguns fatos observados na turma do 2º ano, a Turma B.

Turma B

Na turma do 2º ano do ensino médio estavam matriculados 33 alunos, situados na faixa etária de 16 anos. O ambiente onde ocorreram as aulas era igual ao do primeiro ano, ou seja, inicialmente não havia diferença entre as turmas em relação ao espaço da sala de aula. Os alunos demonstravam uma maior intimidade com o professor (talvez pelo fato de ser o segundo ano em que tinham aulas com o mesmo). Percebemos que o professor se sentia mais a vontade em trabalhar com essa turma, brincando bastante com os alunos, descontraindo-os.

O professor, em diversos momentos, buscava encorajar alguns alunos em relação às dificuldades que tinham em sua matéria, como também as dificuldades que poderiam enfrentar no fim da adolescência e na fase adulta. Para ilustrar, podemos citar uma situação

em que o professor começou a fazer uma reflexão com os alunos, perguntando o que eles sonhavam fazer daqui a 10 anos e o que estavam fazendo para alcançar seus objetivos. Os alunos ficaram calados, refletindo. O professor deu exemplos de possibilidades de férias que poderiam ter se estudassem e investissem em seu futuro (recorte 3).

Recorte 3

Se você estudar, você não vai ser bilionário, mas vai ter um retorno, com certeza. O estudo é garantido [...]

Essa atitude se encaixa no conceito de “exortação” mencionado por Bollnow (1971). “Exortação” significa conselho, aviso com o intuito de advertir, de chamar a atenção (DÍCIO - Dicionário da Língua Portuguesa). Para Bollnow (1971), a função da exortação é encorajar o aluno. É perceptível que ele exortou os alunos, principalmente os que não estavam dando a devida atenção à aula, tendo depois conseguido a atenção quase que integral dos mesmos.

Assim como ocorreu na Turma A, nesta turma podemos também referir uma atitude ousada para com os alunos. A mesma atividade passada para a turma do 1º ano¹ foi passado para a turma do segundo ano, porém, ocorreu um fato curioso. Desta vez, sua atitude não gerou a mesma adesão dos alunos, parecendo, a princípio, ter fracassado. O que ocorreu foi uma quebra de acordo entre os pares, professor e alunos, pois apesar de terem marcado certo dia para o debate, no dia anterior houve uma viagem de formação com todos e, alegando estarem muito cansados não realizaram o debate conforme planejado. Foi perceptível que isso gerou um desconforto no professor e, na semana seguinte, o mesmo demonstrou toda a sua indignação, reservando minutos de sua aula para conversar sobre o assunto. Logo em seguida, após essa conversa, foi perceptível que os alunos despertaram sobre o fato da importância de serem pontuais e cumprirem o que foi planejado, ficando acordado que realizariam o debate nos próximos dias. Finalmente chegou a hora do debate e, nesse momento, os alunos aderiram à proposta do professor, tendo o debate ocorrido conforme planejado. Acreditamos que o despertar ocorreu muito intensamente, pois alunos, que geralmente não eram atentos às aulas, se destacaram nas discussões.

Foi perceptível que o professor se sentiu mais a vontade para trabalhar com essa turma (turma B) do que com a anteriormente apresentada, brincando com os alunos, descontraindo-os, contando piadas e histórias da sua juventude. Apesar disso, a mesma atitude observada no 1º ano para manter a ordem na turma era constantemente utilizada. Gritos, batidas no quadro

¹Quando os alunos tiveram que discutir e debater sobre financiamento para pesquisa científica.

e, com bastante frequência, retirando os alunos temporariamente de sua aula, quando estavam conversando (até com maior frequência do que no primeiro ano).

A seguir iremos realizar a conclusão das nossas observações e dos fatos apresentados.

4-CONCLUSÕES

Tendo em vista os fatos observados, podemos concluir que as atitudes e relações entre o professor e os alunos ocorreram, na maior parte das observações, de forma harmoniosa. Alguns dos conceitos abordados por Bollnow em sua obra, *Pedagogia e Filosofia da Existência* (1971) foram percebidos na prática do professor analisado, porém algumas das atitudes observadas não foram consonantes. Foi também perceptível que o mesmo adotou uma concepção tradicional de ensino, prezando por aulas expositivas e resolução de exercícios.

Ao término do presente trabalho, podemos considerar a sua importância, pois se faz necessário considerar que os processos de apreensão do conhecimento são instáveis na vida do aluno, processos esses que influenciam diretamente na construção do conhecimento. Do mesmo modo, é reconhecidamente importante que o professor seja ousado (de acordo com Bollnow) em sala de aula, mesmo estando ciente do risco de fracassar, exortando e aconselhando seus alunos, instigando-os para que despertem para um determinado fim. Esperamos que os resultados deste estudo tenham instigado o leitor para os conceitos abordados por Bollnow (1971), destacando a sua relevância para o processo de ensino e aprendizagem e, em última análise, para a educação, de modo mais amplo.

5- REFERÊNCIAS

BOLLNOW, O.F. **Pedagogia e Filosofia da Existência**, Editora Vozes Ltda, 1971.

____disponível em:<https://en.wikipedia.org/wiki/Otto_Friedrich_Bollnow> acessado em: 07/01/ 2018.

CELETTI, F. R. **EXISTENCIALISMO**, disponível em:

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/existencialismo.htm> acessado em: 07/01/2018.

DITTRICH, A.; STRAPASSON, B.A.; SILVEIRA, J.M.;ABREU, P.A. **Sobre a Observação enquanto Procedimento Metodológico na Análise do Comportamento**: Positivismo Lógico, Operacionismo e Behaviorismo Radical ,2009. 9f. Artigo Científico- Universidade Federal do Paraná - UFPR. 2009.

EXORTAÇÃO, disponível em:

<<https://www.dicio.com.br/exortacao/>> acessado em: 10/01/2018.

JUNIOR, O. G. **FILOSOFIA DA ESPERANÇA**. Disponível em:

<<https://casadosaber.com.br/sp/cursos/ferias/filosofia-da-esperanca.html>> acessado em: 28/05/2018.

SILVA, E. **Pensamento pedagógico de Otto Friedrich Bollnow diante da filosofia da existência e da filosofia da esperança.** 2011. 153f. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Recife. 2011.

WERNECK, V. R. **Sobre o processo de construção do conhecimento:** O papel do ensino e da pesquisa. 2006. 24f. Ensaio. Rio de Janeiro. 2006.